

O CURSO DE HISTÓRIA APRESENTA:
1º SEMINÁRIO: AFROANCESTRALIDADES
DEBATES PARA ALÉM DO TEMPO

CADERNO DE RESUMOS

18 e 19 de Novembro de 2019

PUC Minas Coração Eucarístico



REALIZAÇÃO:



DA-HISTÓRIA LAPHIS



FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

S471c Seminário: afroancestralidades: debates para além do tempo (1. : 2019 : Belo Horizonte, MG)
Caderno de resumos / Organização de Felipe Pereira Furtado ... [et al.]. Belo Horizonte: PUC-MG, 2019.
E-book (40 p.: il.)
ISSN: 2178-1044

1. Negros - Aspectos sociais - Congressos. 2. Negros – História - Congressos. 3. Cultura afro-brasileira – Pesquisa - Congressos. 4. Universidades e faculdades - Pesquisa. I. Furtado, Felipe Pereira. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Departamento de História. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 39(=96)

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva – CRB 6/2086

Felipe Pereira Furtado; Fernanda Mendes Santos; Guilherme César Tavares Melgaço; Isadora de Souza Rodrigues Lima; Jacyra Antunes Parreira; João Carlos Pio de Souza; João Victor Virtuoso; Juliana de Souza Soares; Laura Meniconi Rezende; Letícia Marcela Ferreira de Oliveira; Lorena Cruz e Silva; Luísa Antunes de Souza; Marcus Vinícius Costa Lage; Mariana Brescia Cruz; Mariana Gaillac Vidal; Mateus Roque da Silva; Nathalia Kelly Ferreira Santos; Wagner Gonçalves (Orgs.)

AFROANCESTRALIDADES: DEBATES PARA ALÉM DO TEMPO

Caderno de Resumos 1º Seminário Afroancestralidades

1ª Edição

Belo Horizonte
PUC-MG
2019

Belo Horizonte
Instituto de Ciências Humanas – PUC Minas
18 e 19 de Novembro de 2019

Grão-chanceler da PUC Minas
Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor da PUC Minas
Prof. Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Chefe de Gabinete da PUC Minas
Prof. Paulo Roberto de Sousa

Diretora do Instituto de Ciências Humanas
Prof.^a Carla Ferretti Santiago

Chefe de Departamento e Coordenadoria do Curso de História
Prof.^a Jacyra Antunes Parreira

Realização
Departamento de História – PUC Minas
Laboratório de Pesquisa Histórica – LAPHIS/ PUC Minas

Comissão Organizadora

Felipe Pereira Furtado
Fernanda Mendes Santos
Guilherme César Tavares Melgaço
Isadora de Souza Rodrigues Lima
Jacyrá Antunes Parreira
João Carlos Pio de Souza
João Victor Virtuoso
Juliana de Souza Soares
Laura Meniconi Rezende

Letícia Marcela Ferreira de Oliveira
Lorena Cruz e Silva
Luísa Antunes de Souza
Marcus Vinícius Costa Lage
Mariana Brescia Cruz
Mariana Gaillac Vidal
Mateus Roque da Silva
Nathalia Kelly Ferreira Santos
Wagner Gonçalves

Artes Gráficas

Nathalia Kelly Ferreira Santos
Mariana Gaillac Vida

Silvia Gomes Pêgo

Equipe de Audiovisual

Pedro Solano Moura Reis Pinto

Editoração

Mateus Roque da Silva

Apoio

Atlética do ICH
DA de História
DCE Puc Minas Coreu

Apoio Secretaria Acadêmica do Curso de História – ICH – PUC Minas

Cláudio Lucas Neres Correia
Durcinéia Márcia Silva
Guilherme Henrique Moreira Miranda
Jefferson Diogo Estevão dos Santos

Marcus Vinícius Barbosa Vieira
Marília Eunice de Assis
Samuel Lucas Dumer
Thales Riquetti Von-Rondov

Apoio Biblioteca Padre Albertoni – PUC Minas

Roziane do Amparo Araújo Michielini - CRB 6/2563

Sumário

Apresentação..... 7

ALVES, Rogéria Cristina; MARTINS, Andréia. *Descolonizar o currículo através da História da África e da Educação Escolar Quilombola*.....8

ARCANJO, Matheus Lucas; ARAÚJO, Vitor Paulo Azevedo de. *Memória, História e Identidade: limites e possibilidades da ação sóciopolítica arqueológica no Cais do Valongo*.....9

AZEVEDO, Letícia Silva. O sangue na lousa: afrodescendência na escola sob o prisma da violência 10

BERNARDI, Ricardo Fernandes Di. *O banto na formação da classe operária em Belo Horizonte (1895-1919)*12

COSTA, Philippe Ribeiro da; SANTOS, Fernanda Mendes; CRUZ, Mariana Brescia. Imperialismo, racismo e eurocentrismo: uma leitura das Aventuras de Tintim..... 14

CRUZ, Mariana Brescia. História, Literatura e Trauma: uma análise de Hibisco Roxo (2003).....15

CRUZ, Wallace Alexander A. *O Pentecostalismo negro de Willian Seymour: Um cristianismo segregado como mecanismo de resistência e inclusão social* 16

DORNELAS, João Pedro Gonçalves; FURTADO, Felipe Pereira. *Capoeira: O Mestre e as suas referências aos Griots* 18

FRANCK, Helena Meireles. *As perspectivas de uma mediadora de leitura preta inserida em uma biblioteca comunitária*19

FURTADO, Felipe Pereira; LAMANNA, Christian. *Capoeira Angola: resistência e emancipação através do corpo*20

INÁCIO, Matheus Morais. *O desvelamento do Mundo-Periferia na perspectiva do "Vida Loka" através das músicas do grupo de rap Racionais MC's*21

JESUÍNO, Matheus Jesus. *O Racismo estrutural como instrumento de dominação a partir da formação identitária aos países da Ilha de São Domingos*22

JORDÃO, Luiz Antonio. *A Fotografia e a questão racial: A lei n° 10.639/03 e o ensino de artes*24

MENDES, João Victor Virtuoso. *Afrocentralidade e sua importância do afrocentrismo nas narrativas gregas sobre os "etíopes"*26

MILEIB, Vinícius Augusto. *A construção do Discurso Colonial por Bhabha e Mbembe*27

MINISTÉRIO, Ana Carolina de Vasconcelos. <i>Representação e Autoria Negras nas Artes Visuais no Brasil: uma proposta de mediação</i>	29
MOREIRA, Gabriella Figueiredo do Carmo; AMPARO, Erika Silva. <i>Mulheres negras no teatro</i>	30
OLIVEIRA, Letícia Marcela Ferreira de; SILVA, Lorena Cruz e; TAVARES, Mariana. <i>Formação de espaços civilizatórios africanos: reinos de Luba e Lunda</i>	31
OLIVEIRA, Lucas Henrique; TORQUATO, Ana Maria Santos. <i>Enfrentando a lógica eurocentrista da produção do conhecimento</i>	32
PACHECO, Gabriela Barbosa; BELMIRO, Dalila Maria Musa. <i>A ABL não merece Conceição Evaristo: reconhecimento e estruturas de opressão no processo de escolha do novo imortal</i>	33
PAULA, Nilda Silva Carvalho. <i>As meninas negras</i>	34
SANTOS, Fernanda Mendes. <i>Em nome da mãe: as obras de Scolastique Mukasonga a partir do genocídio tutsi em Ruanda (1994)</i>	35
SILVA, Ana Clara Gonçalves. <i>Afrorreligiões e suas cosmovisões: heranças e influências na história da agricultura e agroecologia no Brasil</i>	36
SILVA, Mateus Roque da. <i>Cenas da abolição: a questão negra expressa em "Memorial de Aires" (1908) de Machado de Assis</i>	37
SILVA, Mauro Luiz da. <i>Os 200 anos da Igreja do Rosário de Belo Horizonte: Negligências, Silêncios e Resistências!</i>	39

Apresentação

Os discentes e a coordenação do Curso de Graduação em História da PUC Minas convidam a todas e a todos, especialmente a comunidade preta, para o I Seminário Afroancestralidades: Debates para Além do Tempo. O evento, motivado pelo Dia da Consciência Negra no Brasil, celebrado no dia 20 de novembro, possui como propósito debater, de maneira ampla e democrática, as culturas e histórias africanas no Brasil e no mundo, oferecendo, sobretudo, um espaço de visibilidade e representatividade para a população preta como produtora de reflexões e conhecimentos científicos. Mas, apesar de tradicionalmente o mês de novembro agregar eventos dessa natureza, fica aqui nosso desejo de que iniciativas como estas sejam ampliadas para além dessa importante efeméride histórica, proporcionando, assim, a integração do pertencimento das mulheres pretas e dos homens pretos, não apenas no meio acadêmico, mas em toda a sociedade.

Em tempos de luta, aquilombar-se é preciso!

**Comissão Organizadora do 1º Seminário
Afroancestralidades: debates para além do tempo**

Resumo das Comunicações

1. Descolonizar o currículo através da História da África e da Educação Escolar Quilombola

Rogéria Cristina Alves

Andréia Martins

Palavras-chave: História da África, Educação Quilombola, Ensino, Ações Afirmativas.

A proposta deste trabalho é refletir sobre as formas de descolonização do currículo escolar, a partir do ensino de História da África e da consolidação da Educação Escolar Quilombola enquanto uma modalidade específica da Educação Básica. Ambas vertentes são consideradas pelas autoras como formas de “ações afirmativas” no âmbito educacional, uma vez que objetivam eliminar desigualdades historicamente acumuladas no tocante à diferenciação de raça, enquanto categoria social, no contexto brasileiro. A partir da ressignificação do currículo da educação básica e da construção de estratégias pedagógicas de redimensionamento das relações de aprendizagem e tendo como base novas configurações epistemológicas, as autoras defendem a hipótese de que essas vertentes expressam uma dimensão política de um novo modelo educacional, pautado em outras matrizes de conhecimento e em outras formas de organização da gestão escolar e ação pedagógica. Por meio da análise discursiva das legislações que versam sobre o ensino de história da África e Cultura Afro-brasileira nos currículos da Educação Básica e das normativas sobre a Educação Escolar Quilombola, pretende-se estabelecer essa relação e promover a discussão acerca de outras possibilidades de se conceber o ensino escolar.

Resumo das Comunicações

2. Memória, História e Identidade: limites e possibilidades da ação sóciopolítica arqueológica no Cais do Valongo

Matheus Lucas Arcanjo

Vitor Paulo Azevedo de Araújo

Palavras-chave: Arqueologia, Racismo, Política.

O presente trabalho busca apresentar os posicionamentos da arqueologia no processo de escavação e patrimonialização do Cais do Valongo, na cidade do Rio de Janeiro, buscando evidenciar as mudanças de perspectiva que ocorreram na disciplina desde de a década de 1980 e como isto levou ao desenvolvimento de uma arqueologia pragmática com vistas aos problemas sociais historicamente herdados. A partir deste trabalho foi possível apreender os limites e possibilidades presentes na função arqueológica, abordando de forma crítica o distanciamento da estrutura de Estado e a alteração na sociedade estabelecida na qual a disciplina busca também protagonizar os processos de desvelamento das injustiças sociais. Nesse sentido, apontamos também que este processo transpassa o universo da academia, sendo necessário à arqueologia o estabelecimento de um diálogo cada vez mais direto com os setores desprivilegiados da sociedade.

Resumo das Comunicações

3. O sangue na lousa: afrodescendência na escola sob o prisma da violência

Letícia Silva Azevedo

Palavras-chave: Negritudes, Juventude, Violência.

A presente comunicação almeja apresentar uma experiência de estágio docente, desenvolvido no programa Residência Pedagógica. O programa tem como objetivo aperfeiçoar a formação prática dos cursos de licenciatura através da imersão do licenciando nas salas de aula da escola básica, com o apoio do professor titular da instituição de ensino, dessa forma, visa o aperfeiçoamento das habilidades didaticopedagógicas para a atuação profissional em salas de aula. Nesse sentido, o trabalho que se apresenta compõe as atividades desenvolvidas com os alunos de uma das turmas do 8º ano da Escola Municipal Professora Eleonora Pieruccetti, no segundo semestre de 2020, sob a supervisão do professor titular Mariano Diniz. A temática trabalhada foi “Negritudes, Juventude e Violência”, com o objetivo de abordar as afrodescendências pelo prisma da violência que pairam suas espacialidades cotidianas por uma longa dilatação temporal na História do Brasil. O movimento de análise escolhido foi o inverso, ou seja, partindo dos dados atuais para a partir deles trabalhar sob uma perspectiva histórica. Pois bem, o trabalho iniciou com a apresentação dos dados, coletados e divulgados pelo Mapa da Violência (2012), referente a quantidade de negros mortos no país por morte violenta, com uma porcentagem alarmante de 77%. Com os dados quantitativos registrados no quadro, foi possível trabalhar o conceito de genocídio e entender que a população negra desse país vive essa realidade silenciada pela mídia e negligenciada pelo poder público. Esses dados ganharam narrativa com uma atividade com reportagens jornalísticas acerca do tema, receberam voz e imagem com os vídeos apresentados em sala, a utilização de imagens para a contextualização histórica da posição dos negros e negras na sociedade brasileira em suas diversas temporalidades, bem como atividades em dupla, trio e grupo. Ao longo das discussões os alunos foram incitados a participar oralmente, bem como na produção de algumas atividades que visavam tanto a fixação do aprendizado quanto o mapeamento das impressões dos alunos à medida que as discussões fossem de desenvolvendo. Tendo em vista que o programa Residência

Pedagógica é um campo de apostas em experiências educacionais, foram testadas algumas metodologias e possibilidades de discussão do conteúdo. Foram realizadas aulas expositivas, atividades em grupos, trios, duplas e individuais; permitindo entender o ritmo da turma e suas capacidades frente à diversas atividades e provocações. Ao final do trabalho os alunos conseguiram entender que se trata da violência e seus padrões que lhe contornam.

Resumo das Comunicações

4. O banto na formação da classe operária em Belo Horizonte (1895-1919)

Ricardo Fernandes Di Bernardi

Palavras-chave: Classe operária, Banto, Pós-abolição, Questão habitacional.

O banto foi a principal base linguística da população escravizada nas Minas Gerais do século XIX. Este trabalho investiga o processo e o contexto que levou à identificação da classe trabalhadora durante a construção de Belo Horizonte entre o final do século XIX e início do século XX. A pesquisa procurou compreender historicamente a casa cafua como um vestígio da sociedade escravista que adentrou esse momento de transformação no mundo do trabalho sintetizado pela transição do escravismo para o trabalho livre. A cafua surge no processo de formação das Minas Gerais do século XIX como tipo habitacional e unidade produtiva, sendo também utilizada como moradia pelos trabalhadores que participaram das obras para construção da Nova Capital. Tanto nos jornais operários impressos na cidade, quanto nas estruturas de Estado criadas para geri-la – plantas cartográficas, leis, decretos –, a cafua é o termo de origem banto utilizado para se referir ao tipo habitacional construído e habitado por operários. Através de uma compilação documental e da leitura crítica de algumas edições do jornal *O Operário*, investigamos o problema habitacional surgido junto com a cidade, os caminhos percorridos pelas organizações operárias para consolidarem suas demandas e, principalmente, suas divisões internas entre trabalhadores nacionais e imigrantes estrangeiros. O problema central é entender as transformações e as permanências históricas no mundo do trabalho, contribuindo para uma perspectiva crítica e histórica do capitalismo (e não da chamada modernidade) de acordo com o chamado “paradigma da transição” presente da História Social do Trabalho (transição – permanências e transformações – do escravismo para o trabalho livre assalariado; pós-abolição). Concluímos que a cafua foi incorporada nas medidas criadas pelo Estado para organizar a ocupação do território urbano; e foi resquício da sociedade escravista tido como elemento de identificação do trabalhador urbano, suas experiências cotidianas e elemento fundamental para a construção das primeiras organizações operárias em suas tentativas de diálogo com o Estado. Concluímos também que a cafua serve de distinção entre os redatores do jornal *O*

Operario – a chamada aristocracia operária – e as lideranças trabalhistas; e a classe trabalhadora que se forma através do compartilhamento de experiências no cotidiano objetivo da cidade.

Resumo das Comunicações

5. Imperialismo, racismo e eurocentrismo: uma leitura das Aventuras de Tintim

Filippe Ribeiro da Costa

Fernanda Mendes Santos

Mariana Brescia Cruz

Palavras-chave: Imperialismo, Racismo, Aventuras de Tintim.

O presente trabalho busca compreender o imperialismo por meio das análises teóricas acerca do conceito de raça, das justificativas eurocêntricas e dos discursos raciais vigentes durante os séculos XIX e XX. Além disso, será feita uma discussão sobre os usos do quadrinho As Aventuras de Tintim: Tintim na África em sala de aula. Nesse sentido, o objetivo é identificar as representações e estereótipos eurocêntricos na obra de Georges Hergé e os impactos desse discurso para a perpetuação de uma imagem deturpada do continente africano, mais especificamente do Congo, país abordado no quadrinho analisado. Foi utilizado como sustentação teórica Arednt (1989) para abordar o conceito de raça, Assis(2011) para trabalhar a questão dos quadrinhos em sala de aula, e verticalizando para a o ensino da História Africana em sala de aula, o aporte foi Hernández (2005), além dele discutir também o conceito de imperialismo, Barros(2010) sobre a expansão dos usos das fontes históricas na historiografia e por fim Betts (2010) fala do conceito de paternalismo e como ele representava a superioridade cultural e racial dos brancos.

Resumo das Comunicações

6. História, Literatura e Trauma: uma análise de Hibisco Roxo (2003)

Mariana Brescia Cruz

Palavras-chave: História, Literatura, Trauma, Hibisco Roxo.

Hibisco Roxo é o primeiro livro da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e foi publicado originalmente em 2003, embora no Brasil tenha sido lançado apenas em 2011. A obra aborda a relação de uma rica família nigeriana que se vê dividida entre os efeitos da colonização britânica e o apego às crenças tradicionais. A relação entre a história e a literatura nos norteia para o desenvolvimento deste trabalho, por isso, utilizamos os estudos de Adriane Vidal Costa (2013) e Sandra Pesavento (2006) para destacarmos a literatura como uma fonte privilegiada para o historiador, uma vez que ela é capaz de oferecer um acesso peculiar ao imaginário, permitindo conhecer rastros e nuances que outras fontes não nos permitem. Nesse sentido, o estudo de Hibisco Roxo aqui proposto nos possibilita compreender de que maneira a realidade política, educacional e social da Nigéria carrega consigo os traumas e efeitos da colonização branca. Ademais, a partir dos estudos de Márcio Seligmann-Silva (2013) acerca da relação entre o trauma e a história, foi possível perceber em Hibisco Roxo relatos de um trauma acerca da colonização imperialista e das dores causadas por suas práticas violentas. Nesse sentido, esta comunicação tem o objetivo não apenas de discutir a relação entre história e literatura, mas também de identificar de que maneira a narrativa do trauma da colonização é conduzida na obra.

Resumo das Comunicações

7. O Pentecostalismo negro de Willian Seymour: Um cristianismo segregado como mecanismo de resistência e inclusão social

Wallace Alexander A. Cruz

Palavras-chave: Pentecostalismo, Militância, Inclusão, Resistência, Libertação.

No ano de 1906 em Los Angeles (EUA), especificamente na Rua Azusa um fenômeno chamou a atenção da comunidade, na realidade sua fama ultrapassou os limites comunitários e se espalhou por toda a América do Norte e mesmo o mundo. Sete pessoas reunidas, dentre elas uma criança de apenas 7 anos "falaram em outras línguas", na tradição cristã, corresponderia ao evento narrado em Atos dos Apóstolos 2.1-4, onde de acordo com a narrativa, os cristãos ali reunidos vivenciaram aquilo que em linguagem teológica se denomina "glossolália", quer dizer, o fenômeno de falar em línguas sobrenaturais. O pequeno grupo ganhou visibilidade quando as notícias tomaram as páginas dos jornais norte-americanos da época e de alguma forma, a Igreja reviveu uma "Nova Reforma". Não seria equivocado afirmar o que Lutero protagonizou no século XVI, um negro segregado, filho de escravos, cego de um olho, sem formação acadêmica e garçom de profissão ousou protagonizar no século XIX, talvez, em proporção ainda maior, haja vista, enfrentou o cristianismo elitizado dos brancos europeus, peitou o elitismo religioso protestante, dividiu mais uma vez a Igreja cristã e inaugurou uma nova era cristã, a era do Pentecostalismo negro. Todavia, William Seymour tem uma relevância que vai para além dos limites teológicos e para fins dessa comunicação não é de fato sua teologia o que nos interessa, a priori. Seymour tem uma dimensão sócio-política e usa da sua leitura e prática cristã para um engajamento na causa dos negros que ainda sofriam os reflexos da segregação nos EUA do século XIX. Importante observar que o próprio Seymour era filho de sujeitos escravizados, institucionalmente a abolição fora declarada, mas a mentalidade escravocrata e o preconceito segregacionista ainda era latente na sociedade norte-americana. Seymour, inclusive, quando aluno das aulas de Bíblia ministradas por Charles Fox Parham sequer podia assistir as aulas na sala, ficava do lado de fora ouvindo e anotando o que ouvia da janela. Seymour não é o pai do pentecostalismo, é o pai do pentecostalismo negro. E isso para a época era no sentido

mais estrito da palavra, revolucionário. Em um contexto onde o negro sequer podia frequentar os cultos ao lado do branco, Seymour se atreve a criar um culto para os negros, mais que isso, nesses cultos são negros os pregadores, os cantores e escandaloso para a época, as mulheres pregam, especialmente, as mulheres negras. Essa comunicação objetiva refletir sobre o pentecostalismo negro de Seymour, como esse homem segregado dá um novo rosto ao Deus cristão e a partir dessa nova hermenêutica instrumentaliza Deus para um engajamento que eu denomino teológico-político-libertário dos negros norte-americanos do século XIX. Ainda buscamos pontuar a associação de Seymour do cristianismo com a luta social pela emancipação dos negros e avaliar sua relevância para a inclusão social dos negros refletida ainda hoje na sociedade, inclusive brasileira, onde segundo dados do IBGE mais de 60% dos cristãos protestantes são pentecostais, cuja maioria, quase esmagadora, composta por negros.

Resumo das Comunicações

8. Capoeira: O Mestre e as suas referências aos Griots

Joao Pedro Gonçalves Dornelas

Felipe Pereira Furtado

Palavras-chave: Tradição oral, Capoeira, Angola, Griot, Ancestralidade, África.

A tradição oral está presente em algumas regiões da África; o Griot carrega consigo todo um conhecimento advindo de seus predecessores, através das gerações, retransmitido oralmente o que aprendeu. Um detalhe importante a ser destacado é o compromisso que o Griot tem com a verdade dentro da dinâmica dessa oralidade. Surge uma pergunta: Qual relação de afroancestralidade a capoeira possui em relação ao Griot? Pode haver mais respostas, talvez; no entanto, uma via de possibilidade de obter uma resposta é a questão da oralidade, relacionando-a com a tradição africana e sua continuidade no Brasil. Pois na capoeira todo o saber e conhecimento é transmitido pelos cantos. Outra particularidade é a de que o mestre de capoeira deve deter um apanhado de saberes: nas músicas; ter domínio instrumentos, dos toques e cantigas.

Resumo das Comunicações

9. As perspectivas de uma mediadora de leitura preta inserida em uma biblioteca comunitária

Helena Meireles Franck

Palavras-chave: Biblioteca, Biblioteca comunitária, Representatividade.

O presente artigo tem como objetivo explicitar observações feitas por uma mediadora de leitura preta. Durante o período de estágio, em um mês, foram feitas algumas anotações acerca da comunidade do entorno do Vale do Jatobá, no Barreiro. Pretende-se discutir quais os principais comportamentos apresentados por moradores em sua maioria pretos e como estes mesmos moradores se comportam frente a questões como racismo e representatividade, por exemplo. O presente artigo também possui o objetivo de pontuar e discutir questões que podem fazer diferença, por exemplo, no momento de atendimento enquanto mediadora de leitura, ou então em atividades que possam atender às demandas da comunidade do Vale do Jatobá: como mostrar a essa comunidade, por exemplo, que a representatividade existe? Como mostrar a essa comunidade que uma mediadora de leitura que também é preta pode acolhê-los? Aliás, é possível que essa mediadora de leitura, em seu papel como tal, possa acolher pessoas pretas em um espaço de leitura comunitário? Deve-se atentar ao fato de que literatura vai além do âmbito livro, e passa por quem o consome, por exemplo; passa, também, por quem possui o contato (por mínimo que seja) com esse livro. Dias (2018) pontua que é importante que pessoas pretas se reconheçam como pretas principalmente como formação identitária; e a representatividade perpassa exatamente nesse ponto: formar a identidade das pessoas pretas e que elas se reconheçam assim.

Resumo das Comunicações

10. Capoeira Angola: resistência e emancipação através do corpo

Felipe Pereira Furtado

Christian Lamanna

Palavras-chave: Afroancestralidade, Capoeira Angola, N'golo (Dança da Zebra), Tradição africana.

Este trabalho tem por objetivo mostrar uma conexão África-Brasil, abordando a Capoeira; considerada uma concepção afro-brasileira, em particular, a Capoeira Angola; manifestação de saberes ancestrais - afroancestralidade. Segundo constatam alguns estudiosos, há aspectos que ela carrega de uma tradição africana; como é o caso da região sul de Angola. Seria perceptível características do N'golo (Dança da Zebra), que é uma luta/dança em que os guerreiros da comunidade se enfrentavam disputando a mão da moça que atingira a idade de se casar, um ritual de iniciação feminino que celebra a passagem da idade adolescente para a adulta. Na dinâmica da escravidão, cativos utilizaram-se de um recurso - a capoeira - desenvolvida pelos escravizados através dos movimentos do corpo, como resistência e arma tanto de ataque quanto defesa. A Capoeira ao ser gerada no Brasil ganha essas especificidades; outro detalhe é a busca por emancipação e de não se deixar subjugar à dominação dos senhores; contornos que já não se traduziriam em uma dança, mas sim em luta. Caráter particular, pois quando o escravizado já dominando as técnicas, necessitava de seu uso, ela assumia característica para ser definitiva frente ao oponente e, quando era para despistar, se convertia em uma "dança", uma espécie de ensaio, simulando e articulando os golpes no ar.

Resumo das Comunicações

11. O desvelamento do Mundo-Periferia na perspectiva do “Vida Loka” através das músicas do grupo de rap Racionais MC’s

Matheus Morais Inácio

Palavras-chave: Racionais, Fenomenologia, Decolonialidade.

O objetivo principal desta pesquisa foi produzir uma análise de conteúdo usufruindo principalmente das duas partes da música “Vida Loka” para uma tentativa de compreensão do que constitui o Mundo-Periferia e portanto o que infere na subjetividade daqueles que vivenciam esse mundo, tomando como foco o sujeito “Vida Loka”, pois, a música, devido a reflexão e descrição da existência no contexto periférico elucidada de forma real como é a vivência nesse contexto. A performance do sujeito “Vida Loka” expressa características de como e porquê há essa forma de expressão, sendo uma existência numa condição condenada, segundo Nelson Maldonado-Torres, usufruindo da crítica de Fanon a Heidegger, com a descolonialidade, em que procura-se formas de que essa condição se torne menos angustiante, apesar dos meios usados, concluindo-se que a música do grupo é importante, pois, visam veicular conteúdos diferentes do pensamento estereotipante dos pobres e pretos/as frente a essa performance existencial.

Resumo das Comunicações

12. O Racismo estrutural como instrumento de dominação a partir da formação identitária aos países da Ilha de São Domingos

Matheus Jesus Jesuíno

Palavras-chave: Negro, Haiti, República Dominicana, Racismo, Instrumentos de dominação.

As questões étnico-raciais são fatores de discussão em todo globo, as diásporas africanas fomentaram a economia das grandes potências em formação, fruto principalmente do tráfico negreiro. As consequências desse processo são visíveis até os dias atuais e tais mazelas são impedimentos de um progresso de uma nação, de um bloco ou até de um continente, como por exemplo o Brasil, a América Latina e a África respectivamente. Tendo visto a forma com que o racismo estrutural chega e é reproduzido nesses espaços são instrumentos de dominação da classe dominante dos próprios locais e do globo. A ilha de São Domingos nos retrata um tanto desse cenário, território que divide dois países Haiti e a República Dominicana tem como fator de identidade fatores antagônicos entre si, e a constituição dos heróis e da forma que as independências foram dadas e financiadas por outros Estados. A República Dominicana era uma colônia espanhola e seus territórios não tinham recursos interessantes à metrópole, pautados principalmente no ouro e na prata fez com que os espanhóis praticamente desativassem esta colônia, dando assim espaço para os franceses que começassem a dominar parte da ilha, a produção de açúcar fez o desenvolvimento da parte da ilha ser esplêndido. Com a revolução francesa os sujeitos escravizados de sua colônia na ilha de São Domingos ganharam mais força em sua luta para abolição e independência, em 1804 a emancipação da Colônia Francesa das Índias Ocidentais de São Domingos. As etapas seguintes de contrarrevolução foram muito fortes e com grande influência da França, Estados Unidos e da Espanha nas mais diversas fases da constituição das nações do Haiti e posteriormente da República Dominicana, dentre os instrumentos usados foi a construção de uma identidade tanto para os haitianos quanto para os dominicanos em que se antagonizassem fazendo conflitos que ajudassem com o plano de desenvolvimentos imperialista destes países. O sentido desse trabalho é identificar a questão do negro, principalmente no imaginário de emancipadores da ilha de

são domingos, para uma construção pejorativa de sujeitos atrasados, inferiores que e muito é usado como justificativa para dominação direta e indireta não só na ilha mas nos mais diversos cantos do mundo.

Resumo das Comunicações

13. A Fotografia e a questão racial: A lei nº 10.639/03 e o ensino de artes

Luiz Antonio Jordão

Palavras-chave: Preconceito; Racismo; Lei nº 10.639/03.

O presente trabalho é fruto de observações, em estágios, realizados durante o período de graduação em Artes Visuais. O ser humano, vem lidando com a discriminação, preconceito e a exclusão, desde a sua origem em tempos pré-históricos. Durante o período clássico viuse inúmeras polis gregas tratarem o diferente com tanta repulsa e desdém que em muitas vezes geram, em seu bojo, a exclusão do convívio social e, de forma muito comum, o extermínio dos diferentes. Tais interpretações perpassam toda a era moderna por meio da escravidão e sua justificativa racial, chegando a contemporaneidade. Entretanto o momento presente, tal qual o concebemos, ainda é carregado de discursos e narrativas arraigadas na cultura e no imaginário popular, e que ainda conseguem fomentar tais práticas e atitudes segregacionistas, o que é notadamente perceptível quando se pensado na perspectiva do racismo. A diversidade está presente em todos os lugares da sociedade, seja no âmbito familiar, clerical, político e, evidentemente, escolar. A escola, nesse sentido, aparece como um lugar de encontrar a diferença, que se dá, muitas vezes, por meio de pequenos embates e conflitos cotidianos. Os sujeitos que ali se encontram são dotados de múltiplas culturas diversificadas e todas se encontrando em um mesmo espaço, a escola. Entretanto, vez ou outra, esses conflitos se materializam por meio de violência direta, seja ela física ou verbal, de modo que houve a necessidade de cunhagem de um novo termo (bulling) específico que fosse capaz de caracterizar todas as especificidades desse ambiente e seus grupos e subgrupos envolvidos. Diversas análises dentro da pedagogia, ciências sociais, psicologia, dentre outras áreas, trabalham o processo de aprendizagem e formação cultural do sujeito pensando em seu espaço de convívio social. Contudo, e salientado que, embora o meio forme a consciência humana, o respeito ao outro e sua multiplicidade é fundamental para o convívio em sociedade. Nesse sentido, chamamos a atenção para a Lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino afro-brasileiro e indígena no ensino brasileiro. Em estágios, utilizou-se a fotografia como meio de combater o racismo. Diante disso, foram fotografadas as

diversas partes do corpo dos alunos, simultaneamente, fazendo com que a atividade fosse mais dinâmica e pragmática. Após as fotografias serem reveladas, o trabalho em equipe retorna o foco da atividade, momento este em que os estudantes puderam agrupar todas essas fotografias em um único cartaz e, a posterior, montar a figura de um corpo humano, integrando as diversas expressões independentemente dos seus traços étnicos.

Resumo das Comunicações

14. Afrocentralidade e sua importância do afrocentrismo nas narrativas gregas sobre os "etíopes"

João Victor Virtuoso Mendes

Palavras-chave: Eetíopes, Afroancestralidade, Afrocentrismo.

O presente trabalho busca discutir as narrativas gregas sobre os “etíopes”, e a importância da afrocentricidade no ensino da história das Áfricas. As narrativas sobre os “etíopes” e onde está localizada a Etiópia atualmente, tratam de uma visão grega baseada na historiografia de Heródoto e nos contos de Homero. O pensamento afrocentrista, que tem pensadores em sua vanguarda como Cheikh Anta Diop e Mole Kete Asante, é uma prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos que produziram a sua própria história, sua própria cultura e tendo seus próprios interesses. Assim quebrando com a visão eurocentrista que utiliza de uma única narrativa sobre o continente africano.

Resumo das Comunicações

15. A construção do Discurso Colonial por Bhabha e Mbembe

Vinícius Augusto Mileib

Palavras-chave: Bhabha, Mbembe, Discurso, Negro, Vazio, Ambivalência, Estereótipo, “Eu” e “Outro”.

A identidade dos atores no contexto colonial é fundamental, afinal, sua construção é importante para definir os locais habitáveis por cada um, o escritor pós-colonialista Homi Bhabha analisa as prerrogativas discursivas para essa construção em seu livro “Local da Cultura” do ano de 1994 e será de grande contribuição epistemológica. Construir a imagem do negro é uma transgressão da verdade, visto que seu significado conceitual é esvaziado de sentido, de grande valoração para o entendimento posterior da ambivalência de raça, sexualidade, cultura e classe no mundo colonial. O racismo desloca o corpo colonial para um não lugar, ele não existe, “O negro não é. Nem tampouco o branco”, A base empática do Negro/Branco e Eu/Outro são infundadas desde que se descobre que são formadas por um mito narcisista da negritude ou supremacia cultural branca, como aponta Bhabha, precisa-se desconstruir o esvaziamento para compreender o que são. Achille Mbembe permite discorrer sobre a construção da identidade do negro. A invenção do negro resulta em um olhar vazio, nada se vê quando se olha um preto além de uma irracionalidade contrária à humanidade daquele corpo. O projeto de modernidade capitalista impulsionada pelo modelo empresarial de colonização transformou o corpo em um objeto e sua alma em uma mercadoria, a constituição de uma ficção sobre raça permite dar um “corpo” ao ressentimento amargo daqueles que lutaram contra os colonizadores e por isso sofreu inúmeras injúrias, ofensas, humilhações e violações. A perpetuação de um lugar exótico, pobre, devastado pela fome, selvagem, assolados por doenças, incapacitados que não se desenvolverem e sem história, reverberam na violência da ignorância dos ocidentais de um tempo passado, presente e futuro. A noção de raça desenvolvida pelos europeus é utilizada para poder diminuir o outro, um reflexo inferiorizado de imagem que nunca se desenvolverá na plenitude branca, o alargamento do horizonte espacial cultural dos europeus baseia-se no controle e tensionamento do imaginário cultural dos seus colonizados, o simples fato de originários da costa africana

não se incomodarem com estranhos em seu litoral por pensar na possibilidade de agregar conhecimento - ao invés de matá-los - configura um enclausuramento de espíritos culturais que preferem um demérito da ignorância sobre o outro.

Resumo das Comunicações

16. Representação e Autoria Negras nas Artes Visuais no Brasil: Uma proposta de mediação

Ana Carolina de Vasconcelos Ministério

Palavras-chave: Mediação Cultural, Artes Visuais, Arte Contemporânea Brasileira, Educação das Relações Étnico-Raciais, Material Educativo.

O trabalho que será apresentado é um recorte da dissertação de mestrado que problematizou a presença negra (autoria, tema ou ambos) nas artes visuais no Brasil, desde o período colonial até a contemporaneidade, contrapondo representações negativas/estereótipos com positivas/apreciativas. Como produto resultante da pesquisa, um material educativo de arte foi elaborado, a partir de oito obras de artistas contemporâneos brasileiros (Ayrson Heráclito-BA, a dupla Isabel Lofgren e Patricia Gouvêa- RJ, Paulo Nazareth-MG e Rosana Paulino -SP), visando contribuir para a implementação efetiva da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura AfroBrasileira nas escolas.

Resumo das Comunicações

17. Mulheres negras no teatro

Gabriella Figueiredo do Carmo Moreira

Erika Silva Amparo

Palavras-chave: Mulheres Negras, Periferia, Profissão, Teatro, Teatro Negro.

O presente artigo nasce de uma proposta de pesquisa orientada pela professora Dr: Lorene dos Santos, que leciona a disciplina Laboratórios de Práticas de Pesquisa: Etnográfica e educação, ofertada no terceiro período, de forma compartilhada nas graduações do Instituto de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. A partir deste artigo pretende-se observar e pontuar as relações e implicações sociais causadas por um grupo de teatro composto majoritariamente por mulheres negras, dessa forma demarcando a construção histórica do Brasil diretamente ligada ao racismo e patriarcado. Estão aqui presentes algumas pontuações feitas por Nascimento (1944) a respeito do Teatro Experimental do Negro (TEN) que ainda na contemporaneidade influencia as formas de estudar e compreender o que é o ser negro dentro do teatro. No que se refere a questão de gênero atrelada a raça toma-se como base a teórica negra Gonzalez (1984). O estudo objetiva analisar as representações da mulher no teatro periférico brasileiro pelo viés da mulher negra, entendendo esses espaços e ações como atos políticos, que refletem de forma substancial no mundo familiar e profissional dessas mulheres. O caminho percorrido para observação etnográfica foram entrevistas, presença em dois espetáculos e análise por meio de diálogos informais com integrantes do grupo.

Resumo das Comunicações

18. Formação de espaços civilizatórios africanos: reinos de Luba e Lunda

Letícia Marcela Ferreira de Oliveira

Lorena Cruz e Silva

Mariana Tavares

Palavras-chave: Reinos, Luba, Lunda, Afrocentristas.

O trabalho pretende abordar a formação dos Reinos de Luba e Lunda, pautando-se nos condições que permitiram e favoreceram o desenvolvimento desses espaços civilizatórios, principalmente os caracteres políticos, econômicos e fatores ambientais. Este trabalho ampara-se grandemente nas compilações realizadas pela a UNESCO, onde trazem grande gama de autores afrocentristas. Destaca-se a forma que esses reinos se constituíram tão diferentes entre si, com língua, estabelecimentos políticos e ordenamentos sociais, credos e em certo nível, práticas econômicas próprias, mesmo provindo de uma mesma matriz linguística e se estabelecendo numa mesma região, a do Shaba, na África Centro-Occidental. Ressaltamos também a importância e influência desses antigos reinos, hoje em dia fragmentados, e cujo seus descendentes encontram-se distribuídos pelos países de Angola, República Democrática do Congo e Zâmbia, em sua maioria, e como influenciam contemporaneamente em suas línguas e costumes. Em uma última abordagem, também se trata da influência européia e contribuição para o esfacelamento desses povos.

Resumo das Comunicações

19. Enfrentando a lógica eurocentrista da produção do conhecimento

Lucas Henrique de Oliveira

Ana Maria Santos Torquato

Palavras-chave: Descolonização, Eurocentrismo, Cultura, Música, Ensino, Resistência, Africana.

O presente trabalho pretende apresentar uma breve análise da lógica e dos mecanismos contra intuitivos enraizados no processo de produção do conhecimento acadêmico, e seus desdobramentos na sociedade civil. Discorreremos sobre o papel do eurocentrismo enquanto peça fundamental do afunilamento e manipulação da história dos povos negros, a sistematização velada do racismo resultante deste processo, e como ela se materializa nos espaços de ensino e pesquisa. A discussão será construída por meio de uma exposição crítica que terá a seguinte estrutura: Inicialmente, serão apresentados exemplos de narrativas que marcam a história brasileira, como o mito da democracia racial construído por Gilberto Freyre a partir da obra Casa Grande & Senzala, suas consequências sócio-raciais e seus desdobramentos na composição demográfica da população universitária. Em seguida, será apresentada uma crítica à hipervalorização do academicismo eurocentrista e suas constantes tentativas de desvalorização de outras produções intelectuais, como o tradição oral do povo negro. Abordaremos também a lei 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, e o seu cenário desolador de implantação. Por fim, abordaremos a importância da contra cultura afro-americana enquanto forma de resistência, fortalecimento, preservação e recuperação das ancestralidades e saberes do povo negro. Frente à longínqua negação do direito de acesso a nossa história, através de covarde manipulação e do uso da força, encerraremos com um convite a uma auto análise crítica do nosso papel enquanto membros decolonizadores da comunidade acadêmica e da produção de conhecimento.

Resumo das Comunicações

20. A ABL não merece Conceição Evaristo: reconhecimento e estruturas de opressão no processo de escolha do novo imortal

Gabriela Barbosa Pacheco

Dalila Maria Musa Belmiro

Palavras-chave: Cultura, Racismo, Interseccionalidade, Reconhecimento, Conceição Evaristo.

O presente artigo tem a intenção de analisar as reverberações midiáticas a partir da não-eleição da escritora mineira Conceição Evaristo para a sétima cadeira da Academia Brasileira de Letras, em 2018. A oportunidade da vaga surgiu quando o cineasta paulistano Nelson Pereira dos Santos faleceu. Fundada em 1897 por 11 escritores (entre eles, um homem negro, Machado de Assis), a Academia Brasileira de Letras nunca foi ocupada por uma mulher negra. Para a análise, foram selecionadas duas matérias publicadas em espaços independentes e duas matérias publicadas em jornais de grande circulação: Alma Preta e Geledés, Folha de São Paulo e Estadão, respectivamente. Partindo de pensadores e pensadoras como Stuart Hall, Raymond Williams, Grada Kilomba, Patricia Hill Collins e Axel Honneth, procura-se compreender como a notícia da não-eleição foi recebida e veiculada por esses canais de informação, examinando os sentimentos de injustiça e reivindicações dos movimentos sociais presentes (ou não) em cada uma delas. Como arcabouço teórico, articulam-se as noções de alta e baixa cultura, racismo, interseccionalidade e reconhecimento, pontuando as movimentações e organizações sociais que lutam pela sua presença e visibilidade em um sistema sustentado por estruturas colonialistas e patriarcais. Dessa forma, expondo uma organização que reverbera padrões instituídos e se fecha para narrativas plurais.

Resumo das Comunicações

21. As meninas negras

Nilda Silva Carvalho de Paula

Palavras-chave: Meninas Negras.

Trabalho desenvolvido na EMEI Serra Verde com crianças de dois anos. Foi elaborado a partir da livro de Madu Costa com o objetivo de trabalhar africanidades com a turma. Foi apresentado o livro as crianças e feito o reconto com vários recursos. Foram confeccionadas as meninas e elas participaram de todas as atividades com as crianças na escola. A partir daí a turma conhecem animais africanos, ritmos africanos e artes. Agora, as meninas negras estão passeando na casa de cada criança Levando alegria, diversão, história e conhecimento para as famílias.

Resumo das Comunicações

22. Em nome da mãe: as obras de Scolastique Mukasonga a partir do genocídio tutsi em Ruanda (1994)

Fernanda Mendes Santos

Palavras-chave: Scolastique Mukasonga, Genocídio, Ruanda.

Este trabalho tem por objetivo dar luz ao genocídio sofrido pelos tutsis em Ruanda (1994) a partir do testemunho da autora Scolastique Mukasonga, que em seus livros retrata o sofrimento, a morte e o genocídio desse povo centro-africano, além de tecer uma homenagem à memória da mãe, assassinada durante o período. Entre abril e julho de 1994, mais de 800.000 pessoas foram exterminadas em Ruanda, sendo $\frac{3}{4}$ da população tutsi. A partir dos livros *A Mulher dos Pés Descalços* (2017), *Nossa Senhora do Nilo* (2017) e *Barata* (2018), é possível perceber o compromisso com a memória tutsi e a importância da literatura de testemunho para se entender os genocídios. O presente trabalho fundamenta nos trabalhos de Rodrigues (2018) que fala a respeito da obra ser testemunhal, Faria (2018) que investiga a infância nas obras da autora, criando uma memória a partir do ponto de vista da infância da própria autora, que a época dos acontecimentos e Mendonça (2013) que discute o caráter de negação da comunidade internacional frente ao genocídio ocorrido no país.

Resumo das Comunicações

23. Afrorreligiões e suas cosmovisões: heranças e influências na história da agricultura e agroecologia no Brasil

Ana Clara Gonçalves da Silva

Palavras-chave: Agroecologia, Afrorreligiões, Influência.

No campo da história da agricultura, nos anos de 1960 e 1970, uma perspectiva de análise; a qual abrange as técnicas, os sistemas de parentesco, revoltas agrárias, sistemas agrários, economia, folclore, população e, principalmente, religião, etc; foi criada e denominada como história da civilização rural, por E. Le Roy Ladurie (Cardoso e Vainfas, 1997, pag. 247). Esse trabalho tem como objetivo identificar as influências afrorreligiosas na construção agrícola, mais especificamente agroecológica, no Brasil. No século XVII, a população no território brasileiro já era bastante composta por africanos e afrodescendentes escravizados. No estado da Bahia, eles eram a maioria (Dean, 1995; Dean, 1997; Hemming, 1978 apud Watkins and Voeks, 2016, pag. 150). Apesar da maneira como foram trazidos, eles lutaram e resistiram, resultando na proteção e construção das suas raízes, crenças, técnicas e cultura, que influenciaram na construção da diversidade social brasileira. A partir de uma revisão bibliográfica, de autores como Ciro Cardoso e Ronaldo Vainfas, C. Watkins e R. Voeks, além de trabalhos apresentados no IX Congresso Brasileiro de Agroecologia; pretende-se identificar a colaboração com a construção do conhecimento agroecológico brasileiro, que as crenças, práticas, ritos e cosmovisões das religiões de matriz africana trouxeram. Até o presente momento, foi possível identificar a existência de diversas influências, como a cosmovisão de origem Bantu, caracterizada pela forte conexão entre a biodiversidade e diversidade cultural, além do marco de herdar os saberes ancestrais, duas fortes características observadas na base teórica da agroecologia brasileira. Outras heranças das religiões de matriz africana observadas, foram a forte participação feminina e reconhecimento do papel feminino, e o uso das folhas na saúde, na alimentação e na vida.

Resumo das Comunicações

24. Cenas da abolição: a questão negra expressa em "Memorial de Aires" (1908) de Machado de Assis

Mateus Roque da Silva

Palavras-chave: História e Literatura, Memorial de Aires, Machado de Assis, Pós-abolição.

A presente comunicação é resultante de discussões que vem sendo suscitadas pelo Grupo de Estudos em História e Literatura da PUC Minas. O estudo é de cunho qualitativo e objetiva, por meio de escritos literários, alcançar alguns debates postos pela intelectualidade brasileira no período pós-abolicionista. Para tanto, elencou-se a obra intitulada “Memorial de Aires”, publicada originalmente em 1908 por Machado de Assis, e que, de alguma maneira, tematiza a questão abolicionista, uma vez que o enredo do romance se passa nos anos de 1888 e 1889. A narrativa se estrutura sob o formato de um diário e tem como protagonista o diplomata aposentado Conselheiro Aires, personagem que primeiro aparece em “Esaú e Jacó” (1904). O autor, embora privilegie ao longo da narrativa os aspectos mais relacionados a vida privada das elites cariocas, encena, de todo modo, o mundo burguês em fins do século XIX, evidenciando todos os seus privilégios e suntuosos luxos em face da constante miséria social do mesmo período. A elite brasileira, como de praxis nos romances machadianos, se ocupava muito mais de seus assuntos particulares, em detrimento das questões públicas, muito acaloradas nos últimos anos da década de 1880. Nesse cenário, as alusões aos fatos relacionados ao fim da escravidão, embora escassos quantitativamente, são reveladores de uma série de sentidos históricos que justificam o confinamento dos personagens em seus pequenos espaços sociais. No entanto, alguns personagens, como é o caso de Fidélia, surpreendem aos leitores. A personagem, por exemplo, ao receber uma grande fazenda de herança do seu pai deixa, em um ato inesperado, a terra herdada aos seus ex-escravos, agora sujeitos em condição liberta. A ação da personagem contradiz a lógica de acumulação capitalista, intrínseca a esse sistema, e, de todo modo, frustra a elite conservadora em seu entorno, uma vez que inverte as posições sociais em relação a propriedade. Outras cenas do abolicionismo se fazem presentes ao longo da narrativa, porém, é o uso da literatura, nesse sentido,

enquanto importante meio de divulgação de ideias e de concepções que são assimilados, lidos e reinterpretados por seus leitores da mais diversas formas, que constituem nos elementos mais estruturantes dessa comunicação.

Resumo das Comunicações

25. Os 200 anos da Igreja do Rosário de Belo Horizonte: Negligências, Silêncios e Resistências!

Mauro Luiz da Silva

Palavras-chave: Afro-patrimônios, Racismo, Segregação.

A pesquisa visa evidenciar aspectos da presença e movimentação da população negra em Belo Horizonte a partir do início do século XIX, tomando-se como marcos a inauguração da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (1819) e a conclusão de um mural na Capela Maria Estrela da Manhã, na Vila Estrela, intitulado A Igreja das Santas Pretas (2018). Propõe-se analisar o deslocamento dos negros do centro do Arraial do Belo Horizonte em direção às periferias da capital, o que resultou em uma cidade segregada, caracterizada pela separação territorial entre brancos e negros. Valendo-se de documentos históricos, depoimentos e entrevistas buscar-se-á relacionar a história da Igreja do Rosário com a iconografia da Igreja das Santas Pretas, a fim de se compreender a ocupação do território pelos negros. Outro aspecto a ser investigado diz respeito às atuações das irmandades de Nossa Senhora do Rosário e do Grupo de Mulheres da Vila Estrela, visando explicitar a ação de resistência dos negros ao longo de dois séculos.